

História Diversa

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danila Barbosa de Castilho

(Organizadora)

História Diversa

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H673 História diversa [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-054-4

DOI 10.22533/at.ed.544192201

1. História – Estudo e ensino. 2. História – Filosofia. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A história preocupa-se com o estudo do homem no tempo. O tempo é compreendido como algo complexo, não linear e os documentos produzidos no passado são vestígios que podem ser interpretados sob diferentes perspectivas.

O conhecimento histórico é construído num processo constante de reflexão com os autores, as fontes e as relações sociais. Essa construção torna-se uma tarefa atenta aos contextos e com rigor quando o pesquisador problematiza suas fontes.

Neste processo de construção o passado é lido a partir do presente utilizando fontes – que podem ser escritas, orais, fotográficas, entre outras – e em diálogo com outras ciências como a filosofia, a sociologia, a teologia, a antropologia e etc.

Essa diversidade de fontes, temas e diálogos estão presentes nos textos apresentados nesta coletânea. Diferente das ciências exatas a história está sempre em busca dos porquês.

Ao encontrar uma possível resposta o historiador pode modificar análises feitas anteriormente e provocar novas investigações sob outros pontos de vista. Assim espera-se que esta obra possa, além de divulgar textos recentes, estimular novas pesquisas.

Boa leitura!

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
AS LINGUAGENS DE LIDERANÇA EVANGÉLICA NA COMUNIDADE GÓLGOTA DE CURITIBA/PR NA CONTEMPORANEIDADE	
Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.5441922011	
CAPÍTULO 2	20
SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL (COLONIAL): UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE ATRAVÉS DA OBRA <i>CASA GRANDE & SENZALA</i>	
Lidiana Gonçalves Godoy Zanati Ricardo Oliveira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5441922012	
CAPÍTULO 3	27
<i>PONTIFEX MAXIMUS</i> E MONARQUIA INGLESA: BIPOLARIZAÇÃO E DISPUTA DE PODERES NA ERA ELISABETANA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
DOI 10.22533/at.ed.5441922013	
CAPÍTULO 4	43
SEM QUERER, QUERENDO: CATOLICISMO E POLÍTICA NA AUTOBIOGRAFIA DE ROBERTO GÓMEZ BOLAÑOS	
Priscila de Andrade Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.5441922014	
CAPÍTULO 5	55
A AÇÃO POPULAR MARXISTA-LENINISTA E A PRODUÇÃO DE REVOLUCIONÁRIOS NA DÉCADA DE 1960	
Olívia Candeia Lima Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5441922015	
CAPÍTULO 6	67
A CONSTITUIÇÃO OUTORGADA BRASILEIRA DE 1824	
William Geovane Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.5441922016	
CAPÍTULO 7	75
A OCUPAÇÃO AMERICANA E A CONSTITUIÇÃO JAPONESA NO PÓS-GUERRA	
Douglas Pastrello	
DOI 10.22533/at.ed.5441922017	
CAPÍTULO 8	86
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES COTIDIANAS DE VIDA E DE TRABALHO NO VARGUISMO E NO PERONISMO	
Mayra Coan Lago	
DOI 10.22533/at.ed.5441922018	

CAPÍTULO 9	102
COM POUCOS TIJOLOS E MUITOS VOTOS: O CONJUNTO HABITACIONAL ITARARÉ E AS ELEIÇÕES DE 1978 (TERESINA-PI)	
Marcelo de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.5441922019	
CAPÍTULO 10	119
FONTES ORAIS & HISTÓRIA POLÍTICA E OS ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL	
Pere Petit	
DOI 10.22533/at.ed.54419220110	
CAPÍTULO 11	128
O EXÍLIO COMO PRÁTICA DO TERRORISMO DE ESTADO (TDE): O CASO DE UM GRUPO DE GAÚCHOS EXILADOS NO CHILE (1970 -1973)	
Cristiane Medianeira Ávila Dias	
DOI 10.22533/at.ed.54419220111	
CAPÍTULO 12	141
CONHECENDO AS COMUNIDADES, FORTALECENDO SABERES	
Márcia Regina Bierhals	
Nóris Beatriz Costa Ney	
DOI 10.22533/at.ed.54419220112	
CAPÍTULO 13	149
EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CIÊNCIAS HUMANAS: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA POPULAR NA FAZENDA LARANJAL EM ITAPURANGA	
Valtuir Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54419220113	
CAPÍTULO 14	161
O ESTAGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Cristina Aparecida de Carvalho	
Michelle Castro Lima	
Marco Antônio Franco do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.54419220114	
CAPÍTULO 15	175
O LÚDICO NO ENSINO DE ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: VALORIZAÇÃO DE NOSSAS RAÍZES	
Vanessa Cristina Meneses Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.54419220115	
CAPÍTULO 16	182
UMA EXPERIÊNCIA COM A HISTÓRIA ORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DO LETRAMENTO	
Augusto José Savedra Lima	
Nilton Paulo Ponciano	
Marta de Faria e Cunha Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.54419220116	

CAPÍTULO 17	190
MULHERES <i>QUEER</i> : CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES DJS	
Edson Sucena Junior	
DOI 10.22533/at.ed.54419220117	
CAPÍTULO 18	202
“LAÇOS DE PAPEL”: AS RELAÇÕES DE AMIZADE, CONFIANÇA E RESSENTIMENTO ESTABELECIDAS ATRAVÉS DA ESCRITA DE CARTAS DA BARONESA AMÉLIA PARA SUA FILHA AMÉLIA ENTRE OS ANOS DE 1885 A 1917 NA CIDADE DE PELOTAS/RS	
Talita Gonçalves Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.54419220118	
CAPÍTULO 19	213
A MULHER, TAL QUAL O PANTANAL SOBREPÕE AOS SEUS LIMITES - MIRELE GELLER, LIMITES ROMPIDOS	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54419220119	
CAPÍTULO 20	229
A RELAÇÃO GÊNERO-RAÇA EM <i>MARU</i> DE BESSIE HEAD	
Valdirene Baminger Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54419220120	
CAPÍTULO 21	241
AGREMIÇÕES NEGRAS: CACUMBIS, RANCHOS, CORDÕES, BLOCOS CARNAVALESCOS E ESCOLAS DE SAMBA (FLORIANÓPOLIS, 1920-1955)	
Karla Leandro Rascke	
DOI 10.22533/at.ed.54419220121	
CAPÍTULO 22	256
ENTRE O RELATO E A ESCRITA: ORALIDADE E TEXTUALIDADE EM O. G. REGO DE CARVALHO	
Pedro Pio Fontineles Filho	
DOI 10.22533/at.ed.54419220122	
SOBRE A ORGANIZADORA	268

O LÚDICO NO ENSINO DE ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: VALORIZAÇÃO DE NOSSAS RAÍZES

Vanessa Cristina Meneses Fernandes

Graduada em História, Mestra e Especialista em Educação pela UESB, Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFBA. Tendo atuado na área de Metodologia do Ensino de História na UESB e atualmente leciona na mesma área na Faculdade de Educação da UFBA
nessacmf11@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A experiência promovida pelo projeto “Jogos e Corpo: História e Cultura Africana” desenvolvido no Centro Integrado de Educação Navarro de Brito (CIENB), aplicado nas turmas do ensino fundamental no ano de 2015 pelo subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, intitulado na

UESB, Microrrede Ensino- Aprendizagem- Formação, tem como objetivo do estágio curricular, assimilar um desenvolvimento de uma vivência prática-pedagógica, aproximando o acadêmico da veracidade de sua área de formação e auxiliar a compreender os diferentes métodos que gerenciam sua função.

O estágio tem o papel de inserir o acadêmico em um local de aproximação real entre a universidade e o meio de convívio ao qual está submetido, possibilitando uma integração à sua realidade social e a participação no andamento do desenvolvimento regional. Torna-se um item imprescindível para a formação dos iniciantes em graduação. Os estágios concretizam a afirmação da aprendizagem como processo pedagógico de estruturação de conhecimentos, aperfeiçoamento de competências e habilidades sob processo de supervisão. O programa de iniciação à docência possibilita a troca de experiências entre os acadêmicos e os estudantes da educação básica, bem como, o intercâmbio de novas ideias, conceitos, planos e estratégias. Desta forma, o programa possibilita uma interlocução entre a instituição acadêmica

1 Jogo originado no Egito, por volta de 3500 a 4 mil anos, tem como objetivo movimentar as peças no sentido de “semeadura” e “colheita”. Cada jogador é obrigado a recolher sementes e com elas semeá-las suas casas do tabuleiro, mas também as casas do adversário. O mancala é praticado em geral sobre tabuleiros de madeira, que contém duas ou mais fileiras de concavidades alinhadas (casas). Uma solução mais rural seria a utilizada pelos garotos africanos, que simplesmente escavam seus tabuleiros no chão. As peças são tradicionalmente sementes secas ou pequenas conchas.

e os espaços de atuação da educação básica.

O projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura africana” desenvolvido no PIBID/UESB/HISTÓRIA/CIENB inspirado no projeto efetuado pela professora Elizabeth Silva de Jesus (2011) em um colégio público da cidade de Salvador (BA), que através do jogo mancala¹ disseminou seus conhecimentos sobre história e cultura africana. Posteriormente, este trabalhou tornou-se sua dissertação de mestrado na UFBA. Partindo do aporte teórico de Lev Vygotsky, Silva acredita que a brincadeira possui um papel imprescindível no desenvolvimento cognitivo da criança. Segundo Vygotsky (1991), se faz necessário que o professor enfatize a importância de se investigar as necessidades, motivações e tendências que as crianças manifestam e como se satisfazem nos jogos, a fim de compreendermos os avanços nos diferentes estágios de seu desenvolvimento. Desta forma, o indivíduo será capaz de gerar situações para que os conhecimentos e valores sejam absorvidos e afirmados através de exercícios no espaço imaginativo. Assim, o jogo tornar-se um meio de desenvolvimento social, intelectual e emocional para o aluno em virtude de seu papel psicológico.

Desta forma, o projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura africana” teve como principal objetivo apresentar que a formação da história da sociedade brasileira está fortemente ligada com a história da África (um dos povos que contribuíram para a formação do povo brasileiro). Motivos como esse fazem elevar a necessidade e a relevância de sabermos mais sobre o continente africano, passando a incentivar a pesquisas e estudos a respeito da história da África e dos afro-brasileiros e romper com preconceitos e discriminações existentes na abordagem desta temática.

EM BUSCA DE RECONHECIMENTO

Como forma de recompensar às populações afetadas pelo colonialismo o resgate de suas identidades, bem como, a difusão e valorização do seu legado cultural, o Governo Federal editou duas Leis: a 10.639, de 2003; e a Lei Complementar 11.645, de 2008. A Lei 10.639 determina o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos ensinos fundamental e médio. E a Lei 11.645, estabelecida somente cinco anos depois da primeira determinação, concebe como obrigatório também o ensino de História e Cultura Indígena.

A legislação que está em vigor atualmente em nosso país, enfoca a necessidade de mudanças nas formas de abordagem sobre os temas relacionados à África e suas diversidades no método educacional vigente.

Os fatores que agravam a ineficácia no processo de ensino e aprendizagem da história africana estão vinculados aos preconceitos adquiridos como resultado de uma sociedade que foi escravista. Essas informações racistas e equivocadas a respeito da temática produzem um efeito tão devastador e alienador, que ao expormos algo novo a respeito da África como sua multiplicidade cultural, muitos estudantes têm

dificuldades em acreditar que ali se trata do continente africano.

A exclusão da história da cultura africana e afrodescendente é mais um reflexo da dívida histórica, que tem como um dos efeitos, a pouca presença do africano na história nacional. Ensinar história é um exercício desafiador. Vale ressaltar que a dúvida é a força motriz que move a história, são os questionamentos.

ESPAÇOS DE FALA: CONSTRUINDO CAMINHOS DE AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA

De acordo Munanga na abertura oficial do 3º Colóquio Internacional Brasil e Império Português, realizado em 01/12/15, no Teatro Glauber Rocha, campus da UESB em Vitória da Conquista, toda façanha voltada para a inclusão das populações negra e indígena, a derrubada de preconceitos, inclusive, religiosos, e o respeito ao que ele chama de “direito de ser igual e diferente” passa, necessariamente, pela desconstrução do mito da democracia racial brasileira, centrada no discurso da miscigenação.

São mecanismos iniciais, avalia Munanga (2005), que apontam para o resgate e valorização das raízes dos diversos povos que constituem a identidade brasileira. Mas só terão eficácia na medida em que se estendam em políticas públicas que possam garantir a essas populações os direitos que lhes são inerentes, dentre eles: o acesso à saúde e educação de qualidade, segurança pública, liberdade de expressão, sobretudo, o direito à inserção social de fato, através de oportunidades igualitárias nas frentes de trabalho e na estrutura político-econômica de um modo geral.

A inserção deste tema no currículo escolar proporciona a possibilidade da integração entre as diversas disciplinas que o compõe, engrandecendo e dando maior valor a aprendizagem dos alunos, no sentido da valorização de sua identidade, além de proporcionar uma abordagem de uma temática com aspectos heterogênicos. Assim, a educação não pode dispensar o resgate e a valorização de nossa cultura, agregando-a às propostas pedagógicas da escola.

DESCONSTRUINDO HIERARQUIAS E PRECONCEITOS HISTORICAMENTE CONSTRUÍDOS

A essência deste projeto sobre o ensino da história da África se dá na medida de valorizar a colaboração da cultura negra na elaboração do povo brasileiro e de sua atuação na história do Brasil. Vale ressaltar que uma vez que essa história desvenda a identidade dos afrobrasileiros, irá se quebrar um paradigma que há muito tempo vem sido reproduzida na educação brasileira, encoberta por representações inferiorizantes. A história da África permite resgatar nos afro-brasileiros a essência da história negra, que não seja apenas pelos anos de escravidão ao qual foram submetidos.

O projeto desenvolvido pelo PIBID/História no CIENB também utilizou de outros recursos para a disseminação do conteúdo. Posteriormente, contamos também com a utilização de filmes, aulas de dança, confecção de bonecas artesanais e produção de tabuleiros. Visando a efetuação completa do projeto, dividimos o projeto em etapas.

Primeiramente, em conversas e debates junto aos alunos, lançamos a temática para que assim pudéssemos problematizar sobre e ter ciência de suas referências a respeito do tema. Logo após, entre os dias 10 e 12 de maio de 2015, passamos um curto questionário em que os alunos deveriam preencher com três palavras o que eles sabiam a respeito do continente africano.

Com o resultado dos questionários, elaboramos um gráfico para representar as palavras que mais eram repetidas pela classe e termos um ponto de partida para a abordagem do conteúdo. Infelizmente, percebemos que nossa tarefa seria árdua. Observamos que nossa classe possuía uma ideia muito negativa a respeito da temática, e isso estava claro nas palavras respondidas, como por exemplo: fome, animais, sofrimento, sede.

No segundo período entre os dias 20 e 22 de maio, nós, bolsistas e supervisora, solicitamos aos alunos que elaborassem uma pesquisa sobre os jogos (mancala, shisima², yoté³, fanorona⁴), tendo como principais pontos: sua origem, qual sua finalidade, os modos de jogar e imagens. Tornou-se um momento de extrema importância, em virtude de muitos dos educandos terem demonstrado a quebra de paradigmas a respeito dos países africanos e pela descoberta de que os jogos de tabuleiro atuais possuem suas origens nos jogos africanos praticados pelos mesmos.

A terceira etapa constituiu-se da realização de uma pequena oficina na sala de audiovisual. Apostando em uma metodologia inovadora como aponta França & Simon (2008), em que é necessária a utilização de mecanismos tecnológicos objetivando o despertar do interesse, o estímulo da criatividade e da observação e o hábito de problematizar o conteúdo dentro dos educandos, elaboramos de um slide, reunimos diversas fotos das principais cidades, polos industriais, paisagens naturais, pontos turísticos africanos, a diversidade cultural existente dentro do continente para que fossem mostrados a eles. Durante a exposição das imagens, era interessante, entretanto, triste, como conseguíamos notar o enraizamento do preconceito existente na mentalidade dos educandos, tendo como base que o continente africano não seria capaz de possuir tal desenvolvimento ou possuir paisagens belíssimas.

2 As crianças do país africano Quênia jogam um jogo de três alinhados chamado Shisima. Na língua tiriiki, a palavra shisima quer dizer “extensão de água”. Eles chamam as peças de imbalabavali, ou pulgas d’água. As pulgas d’água se movimentam tão rapidamente na água que é difícil acompanhá-las com os olhos. É com essa mesma velocidade que os jogadores de Shisima mexem as peças no tabuleiro. As crianças do Quênia desenham o tabuleiro na areia e jogam com tampinhas de garrafa. O jogo é formado por um tabuleiro e 6 peças/marcadores (3 de cada cor), tendo como objetivo colocar três peças em linha reta

3 Jogo de origem africana, o yoté é jogado com a movimentação das peças que, inicialmente estão fora do tabuleiro e vão sendo gradativamente colocadas neste, e a tomada das peças é feita como no “Jogo de Damas”. A movimentação se dá sempre para uma casa adjacente, horizontal ou verticalmente, nunca diagonalmente. O tabuleiro de “Yoté” tem 30 buracos, divididos em 5 filas de 6 buracos cada. Cada jogador deve ter 12 peças de cores ou formatos diferentes, de modo a serem facilmente diferenciadas

4 O Fanorona (ou “Fanorone”) é um jogo originário de Madagascar. Lá é usado em atividade divinatórias, e é jogado basicamente por pastores. Seu tabuleiro é simples, e suas peças podem ser facilmente improvisadas. Aliás, o nome “Fanorona” derivaria de “Fano”, que é uma árvore, da qual se usam as sementes como peças para o jogo.

Nossos estudantes acreditavam que ao se tratar em continente africano, só nos remeteríamos a doenças, fome, guerras, miséria. Saímos da sala com enorme satisfação em virtude de termos conseguido quebrar uma barreira e desmistificar todo esse imaginário negativo existente ao se tratar sobre África.

ENSINO DE HISTÓRIA: A ARTE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A quarta etapa fora efetuada em um dia de sábado. Por orientação do professor do PIBID, responsável pela área de África, foi passado o filme “Duma”. Lançado em 2005 e produzido por Carroll Ballard. O filme retrata a amizade entre um menino, Xan, e um guepardo (animal encontrado nas savanas africanas).

O filme torna-se muito interessante por apresentar a grande diversidade das paisagens do continente africano, como o deserto, florestas equatoriais, as savanas e os estepes, desmistificando a concepção geográfica de todos os educandos que assistiam. Outro aspecto interessante abordado no filme e que deixou os educandos com bastante curiosidade foi a aparição da “mosca do sono”, a tsé tsé. Mosca essa encontrada desde o lago Chade e do Senegal, ao oeste, até o lago Vitória, ao leste, é capaz de injetar um protozoário, levando o indivíduo a um estado de torpor e letargia. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), 500 mil pessoas, principalmente da região subsaariana da África, são infectadas anualmente pelo parasita.

Na quinta etapa, dia 16 de junho, os alunos ficaram sob a nossa orientação, com a responsabilidade de confeccionarem os tabuleiros dos jogos. A confecção teve como principal objetivo fazer com todos os objetos que pudessem ser reciclados ou reutilizados servissem de matéria para a elaboração dos tabuleiros. Caixas de ovos, copos descartáveis, embalagens de pizza, cartolina, glitter, emborrachado, entre outros, foram materiais utilizados pelos educandos, deixandoos livres para usarem sua imaginação na produção das tábulas. A aula de confecção gerou uma grande onda de motivação por parte dos alunos, pois, os mesmos já eram praticantes de xadrez e viam nos jogos africanos uma possibilidade de aprendizado de um novo jogo.

Na sexta etapa, realizamos o torneio dos jogos. Aproveitamos que estava acontecendo a Semana de Ciências no colégio, e montamos um stand totalmente direcionado para o campeonato. Com imagens, tecidos, mapas, músicas e outros objetos, confeccionamos e adaptamos o espaço do campeonato baseado na temática da África. Foi utilizado apenas o jogo mancala, em virtude da maior afinidade dos estudantes, elaborando-se uma lista de inscrição na qual os participantes teriam que enfrentar um concorrente e assim passando de fase.

O momento de foi importante para os estudantes, na medida em que, através do lúdico estes tiveram a oportunidade de acerca da temática proposta. Foi notória a satisfação e a disponibilidade dos alunos em participar do torneio, o que foi muito

importante para se atingir os objetivos de aprender e também romper com antigos preconceitos.

No dia 27/11/15, realizamos a culminância do projeto. Foi um dia de muita expectativa tanto para a comissão organizadora do evento (bolsistas e professores) e para os alunos. No auditório fizemos, exposições de fotos, o stand dos jogos africanos, poemas de personalidades africanas e um gigantesco mapa do continente africano.

Ao início, foi passado o curta-metragem “A Pequena Vendedora de Sol”, dirigido por Djibril Diop Mambéty. O filme conta a história de Silli, uma menina deficiente que resolve vender jornais nas ruas de Dakar. Logo após o término do curta-metragem, iniciou o momento de declaração dos poemas por parte de nossas alunas, que voluntariamente se apresentaram para o momento de exposição das obras africanas. Em seguida, iniciou o desfile das meninas, todas trajadas de vestimentas estilo africana. Usavam roupas longas e turbantes na cabeça, que fora orientado por uma das bolsistas do programa. Para finalizar, houve a participação do coral do colégio, que apresentou para a letra “Raiz de todo bem” do compositor Saulo Fernandes. Por fim, toda festa foi regida ao som de samba de roda e muita animação.

Após o término de todas as fases do projeto, na semana seguinte, utilizamos do mesmo questionário com o objetivo de mensurar o nível de aprendizado dos alunos a respeito da temática. Foi observado que houve uma evolução dos mesmos, e essa mudança de concepção está comprovada em virtude das palavras mencionadas por eles ao se tratar sobre a África e cultura afrobrasileira, como: música, dança, comidas, cultura. É perceptível que, utilizando jogos e uma metodologia de ensino que não se baseie apenas na sala e o quadro, somos capazes de fazer com que o aluno se sinta a vontade e tenha o interesse de interagir e aprender sobre o conteúdo, os educadores são capazes de tratar sobre quaisquer temática em sala de aula.

A experiência revelou a importância da teoria para a problematização e quebra de preconceitos. As referências utilizadas ofereceram suporte para desenvolver as discussões, bem como situar as atividades práticas dentro de um contexto problematizador das temáticas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio apesar de ter sido em curtos oito meses, fora uma experiência de grande aprendizado e satisfação. Por não se tratar da primeira vez em sala de aula, tornou-se algo mais fácil de lidar, tanto com a abordagem e transmissão do conteúdo quanto no relacionamento com os alunos das classes. De todas as fases vivenciadas durante o período do PIBID, foram de grande relevância ao estágio e à formação profissional. Foi possível perceber a importância da interação entre a universidade e a escola.

Desta forma, é possível notar os resultados satisfatórios e a importância do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação a Docência tanto no âmbito acadêmico

como no âmbito escolar. É essencial que todos os discentes universitários possam ter acesso a esse mecanismo que os formam o profissional, para que assim, estejam cientes da realidade da prática docente na educação básica. Desta forma ampliando o preparo para o ingresso futuro no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

A Pequena Vendedora de Sol. Direção: Djibril Diop Mambéty; 1999; Senegal. DVD (45 min).

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

Duma. Direção: Caroll Ballard; 2005; EUA. DVD (100 min).

FRANCA, C. S.; Simon, Cristiano. Como conciliar ensino de História e Novas tecnologias?. In: VII SEPECH- Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2008. VII SEPECH- Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina: EDUEL, 2008.

LEI 10.639/03 – Parecer CNE nº 3/4. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Elizabeth de Jesus da. Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos mancala na aprendizagem da educação das relações étnico-raciais / Elizabeth de Jesus da Silva. – Salvador, 2011.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-054-4

